

“QUEM NÃO PODE COM A FORMIGA, NÃO ATIÇA O FORMIGUEIRO”: A AUTO-ORGANIZAÇÃO DAS EDUCANDAS NO DESAFIO PRÉ-VESTIBULAR E A CONSTRUÇÃO DE UMA PEDAGOGIA FEMINISTA

DANIELE REHLING LOPES¹; MÁRCIA ALVES DA SILVA²

¹Mestranda em Educação – FaE / UFPel – danielerehling08@yahoo.com.br

²Profa. da Faculdade de Educação / UFPel – profa.marciaalves@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte de uma investigação em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFPel. Visa trazer o debate sobre as possibilidades da construção e consolidação de uma pedagogia feminista baseada centralmente, na auto-organização das mulheres e na educação popular como princípios políticos e metodológicos. Esta pesquisa é fruto de um trabalho que vem sendo realizado dentro do curso popular Desafio Pré-vestibular, projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas existente desde 1993.

Quanto ao referencial teórico, buscamos realizar uma revisão crítica de conceitos centrais da obra de Paulo Freire, para nos auxiliar na construção de uma nova proposta pedagógica que englobe às demandas feministas e a história do movimento de mulheres, efetivamente. Para isso é fundamental abarcarmos as categorias do protagonismo, do diálogo e da auto-organização de grupos históricamente oprimidos de forma profunda, tanto em Paulo Freire, como também em outras autoras e autores que vêm desenvolvendo ao longo do tempo essas aproximações na busca da construção de uma pedagogia feminista latinoamericana (OCHOA, 2008).

“Pisa ligeiro, pisa ligeiro...quem não pode com a formiga, não atiça o formigueiro!” Essa “palavra de ordem¹” utilizada por alguns movimentos sociais e pelo movimento feminista em especial se faz presente neste trabalho em diversos momentos, pois traduz a luta árdua que é travada por mulheres diariamente revelando, portanto, que se estivermos juntas em coletivo, mesmo que pisem em nossas “formigas” individualmente, o formigueiro há de “atacar”, até que gradualmente possamos enfim, seguir livres.

Portanto, os objetivos desta pesquisa-ação-participante é construir coletivamente, a partir de metodologias feministas, uma proposta pedagógica feminista de um espaço de educação popular pré-universitário, entendendo que cada espaço educativo, formal ou não formal poderá, a partir do seu contexto específico e das mulheres que o constróem, pensar diferentes pedagogias feministas.

2. METODOLOGIA

O processo metodológico foi entendido e aplicado de forma coletiva, baseado sobretudo na pesquisa-ação participante, reconhecendo a participação da própria pesquisadora no processo investigativo e na construção da proposta,

¹ “Palavra de ordem” ou “grito de ordem” é uma expressão usualmente utilizada pelos movimentos sociais, que tem como objetivo agitar e incentivar as manifestações públicas com uma frase simples, de efeito.

tanto no que se refere à sua participação do movimento feminista como na pedagogia feminista.

O objetivo central da pesquisa é analisar as propostas pedagógicas desenvolvidas a partir das oficinas feministas realizadas no curso popular Desafio, buscando investigar o quanto e se as ações realizadas auxiliam na formulação de uma pedagogia feminista, considerando: a) o empoderamento feminino, incluindo as vivências e as inquietações das educandas; b) as relações conflituosas existentes historicamente sobre o ser *mulher*, incluindo as relações de poder que perpassam as histórias de vida desses sujeitos e; c) as implicações positivas ou negativas que essas oficinas tiveram no curso em relação a todas as outras pessoas que o constituem, levando em consideração o contexto no qual as oficinas ocorrem. Dessa forma, podemos afirmar que essa investigação possui cunho qualitativo, na qual se mostra como ferramenta essencial para as descobertas aqui pretendidas.

Sendo assim, a pesquisa-ação participante foi a metodologia escolhida, por compreender que a partilha se configura nesse cenário como fundante de um pesquisar que é, simbólica e concretamente, um experienciar coletivo. A “confiabilidade” dura e estática da ciência dominante invisibiliza não somente métodos alternativos de construção de conhecimento, mas principalmente rejeita de forma sistemática a/o outra/o, o que não é padrão. (BRANDÃO & STRECK, 2006).

Durante o processo da construção metodológica e prática do trabalho optou-se por utilizar de métodos que possibilitam o diálogo e uma relação mais próxima e humana entre pesquisadora-sujeito da pesquisa, pois aqui buscamos romper com a ideia hegemônica de construção do conhecimento científico baseado numa relação pesquisador-objeto. Portanto, utilizamos a observação participante, entrevistas coletivas e, também, diários feministas como instrumentos de coleta de dados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aqui apresentamos de forma breve algumas análises já realizadas sobre as oficinas feministas realizadas até o momento no curso Desafio e, de forma conjunta, trazemos algumas reflexões que partiram da entrevista coletiva realizada no último encontro de 2015 com as educandas. Dessa forma, o foco da análise aqui sobre os dados já coletados até o momento será a partir das falas das educandas nesta entrevista, tendo em vista que o trabalho ainda está em andamento e já demonstra novos dados ainda em fase de análise.

A proposta das oficinas feministas giraram em torno de uma construção advinda da lógica de alguns movimentos feministas: a auto-organização das mulheres. Isso significa que compreendemos a importância da existência de espaços em que estejam participando apenas mulheres, pensando ações políticas de enfrentamento ao machismo, por serem as principais vítimas desse sistema e porque nesses espaços há um conforto maior para dividir experiências, muitas delas doloridas. No entanto, também compreendemos a importância de trazermos os homens para essa discussão e (des)construção. Sendo assim, buscamos e realizamos oficinas auto-organizadas, onde só participaram educandas, mas também oficinas mistas, em que participaram tanto educandos como educandas.

No segundo encontro misto foi solicitado por uma das educandas que houvesse um espaço só para as mulheres, o que corrobora com a importância de haver esse momento, numa perspectiva da necessidade de discutir a partir de uma identidade coletiva criada e estabelecida entre as mulheres.

No ano de 2015 foram realizados onze encontros feministas no Desafio. Dentre eles, cinco oficinas mistas, um cine-debate e cinco oficinas auto-organizadas, contando nessas últimas o nosso encontro para a realização da entrevista coletiva de avaliação do processo. Nas oficinas mistas discutimos temas como: o que é o feminismo; os diferentes tipos de violências contra as mulheres; direitos sexuais e reprodutivos das mulheres; diversidade sexual e de gênero (mulheres lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis); relação entre racismo e patriarcado (sobre a vida das mulheres negras). Realizamos também um cine-debate com o filme *Made in Dagenham* que trata de uma greve protagonizada por mulheres em uma fábrica e, dessa forma, traz elementos para problematizarmos a relação gênero e trabalho.

Já nas oficinas auto-organizadas em que participaram apenas as mulheres, trabalhou-se temas como histórias de vida e, como muitas vezes as vivências individuais eram muito parecidas umas com as outras; houve temas em comum, como privilégios existentes entre as mulheres; relações abusivas; e em um encontro houve a confecção dos diários feministas. Ainda tivemos um encontro de finalização onde também realizamos a entrevista coletiva.

Sobre todas as oficinas realizadas o que é de suma importância destacar é que nenhuma delas teve o caráter metodológico e político baseado na educação tradicional. Buscou-se utilizar de jogos e dinâmicas, bem como rodas de conversa em que todas as pessoas fossem envolvidas e participassem de uma forma não hierárquica.

Os principais resultados dessas experiências feministas estão relacionados com as discussões teóricas que pretendemos avançar sobre as diferenças existentes entre educação não-sexista e Pedagogia Feminista, que são fundamentalmente a metodologia e a auto-organização das mulheres. Compreendendo que nosso ponto de partida na diferenciação entre elas é que a primeira se caracteriza como divulgação, ensino e incorporação da temática de gênero nos espaços educativos formalmente constituídos, que podem ser ações protagonizadas tanto por homens quanto por mulheres, inclusive podendo se utilizar de mecanismos metodológicos “tradicionais”, ou seja, com uma perspectiva bancária de educação, como já nos alertava Freire (2011), uma perspectiva de depósito de conhecimento, nesse caso depósito de conhecimento sobre gênero.

Por óbvio, reivindicamos ser de extrema importância termos o mínimo do debate de gênero que for nos mais variados espaços. No entanto, o que propomos é algo intensamente imerso na perspectiva da educação popular, onde não só o conteúdo deve ser de cunho libertador, como sua metodologia também precisa ser. Por essa razão ao trabalhar em formato de oficinas e rodas de conversa, baseadas sobretudo na auto-organização, no protagonismo e no lugar de fala das sujeitas da opressão - nesse caso o machismo -, é que compreendemos que a Pedagogia Feminista avança num sentido emancipatório resultante de uma pedagogia da resistência. (ARROYO, 2012).

Salientamos que, dentre as mais variadas colocações das educandas, alguns elementos reforçam a importância da consolidação dessa Pedagogia Feminista, quando afirmam que gostariam de organizar e ministrar oficinas feministas no ano de 2016 dentro e fora do Desafio Pré-vestibular. Também relataram que, após a participação nas oficinas, suas formas de enxergar e enfrentar o machismo modificaram significamente, e afirmaram também que, a partir de suas participações nas oficinas auto-organizadas, foram transformando suas próprias intervenções nas oficinas mistas, principalmente no que tange a segurança para falar e expor suas ideias, demonstrando maior empoderamento no que se refere ao seu ‘ser e estar no mundo’.

4. CONCLUSÕES

Para finalizar, não estamos de forma alguma propondo algo novo, pois as mulheres dos grupos citados já produzem seus saberes na contramão do que lhes é imposto cotidianamente. O que queremos é, com elas, dar ainda mais visibilidade para suas vivências, baseadas de forma vital na resistência cotidiana e assim, construir uma pedagogia feminista hegemônica, através da possibilidade de igualdade permanente onde, a partir de elementos que promovam mudanças emancipatórias coletivas, possamos também transformar individualmente a vida das mulheres, nesse caso das educandas do Desafio, concomitantemente com a transformação das práticas dentro do curso.

No início do ano de 2016 recomeçamos nossos encontros auto-organizados e no primeiro encontro decidimos formar um coletivo feminista dentro do Desafio. Acreditamos que esse é um ganho significativo para a proposta pedagógica feminista e que, por consequência, demonstra um avanço importante no que diz respeito aos objetivos iniciais deste trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, M. G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Vozes, 2012.
- BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. (Orgs.). **Pesquisa participante: o saber da partilha**. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, 2011.
- OCHOA, L. M. **El sueño y la práctica de sí. Pedagogía Feminista: una propuesta**. México, D.F: El colégio de México, 2008.